

Millennials caminham para os 40 anos com misto de orgulho e frustração

Geração é a maior do Brasil e sente insatisfação com a realidade econômica e social, agravada por crises financeiras após a pandemia

Renata Moura
Folhapress

Natal (RN) - "Esse ano completo quarenta anos. Certamente não me imaginava nesse lugar quando era mais jovem", escreveu a ilustradora Helena de Cortez em uma publicação em que analisa a própria trajetória, em 2021, com "um misto de orgulho e frustração". Ela sentia que, naquela idade, "já deveria estar com tudo pronto, encaminhado, mas que ainda engatinhava em muitas coisas".

"Imaginava a ideia de carreira consolidada, a casa própria, a vida financeira organizada", diz. "Não como se fosse o topo de alguma coisa, mas com a sensação de um direcionamento mais claro."

Helena se sente "em uma crise de meia-idade" e a traduz como "tá na hora de abrir o olho e enxergar melhor as coisas, no mundo interior e nas próprias escolhas". Seus planos incluem reparar os estragos financeiros que sofreu com a pandemia. "Gostaria de um imóvel também e sonho

em conseguir desfrutar mais a vida, o agora, com meus filhos e comigo mesma".

Parte da primeira leva de millennials do Brasil a cruzar a fronteira dos 40 anos, a ilustradora se prepara para o aniversário de 42, em junho.

MAIORIA DA POPULAÇÃO

Os millennials correspondem à maior parcela da população brasileira e englobam quem nasceu de 1981 a 1996. Entre 54 milhões de pessoas que compõem a geração, mais de 10 milhões estarão na faixa



etária de Helena em 2023.

Esse universo, frisa especialistas, caminha para o período conhecido como meia-idade, iniciado entre 40 e 45 anos, com mais expectativa de vida e de avanços sociais do que antes. Mas, na média, também anda com a rota estremitada por uma série de

turbulências que tem dificultado a trilha, como crises econômicas e, mais recentemente, a pandemia.

No campo educacional, Marcelo Neri, diretor da FGV Social (Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas), observa ganhos de até três vezes em comparação a ge-

Crise no mercado de trabalho

Brasil caiu 26 posições em cerca 10 anos em ranking com 134 países sobre jovens que acreditam ser possível progredir trabalhando. Crises sucessivas, incluindo a pandemia, atrapalharam o ingresso e a trajetória no mercado nos últimos anos.

Exemplos do que valoriza

Possibilidade de desenvolvimento profissional, fazer o que gosta/encontrar significado no trabalho e como o trabalho afeta o bem estar e a qualidade de vida.

Exemplos do que incomoda

Poucas perspectivas de crescimento na empresa, sentimento de exaustão e sobrecarga, salário baixo e/ou falta de promoção.

O aumento da expectativa de vida veio com questiona-

mentos na linha de "como vai ser minha vida se a previdência estiver quebrada?" ou "e se eu não conseguir fazer o meu pé de meia?". Dados do Grupo Cia de Talentos, da pesquisa Carreira dos Sonhos, mostram alta frequência de preocupação, cansaço e ansiedade nessa geração.

Tantas questões somadas à intensa presença das redes sociais têm criado "uma sensação de pisar em areia movediça", além de colocar em xeque a qualidade de vida, diz a doutora em psicologia social e professora da FGV (Fundação Getúlio Vargas) e da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing), Flávia Feitosa.

"É uma questão do momento que estamos vivendo. Não é exclusiva dos millennials, mas estar na meia-idade torna a coisa mais complexa", afirma. O mundo "vendido" à

geração, ressalta, foi um mundo incrível, de inúmeras possibilidades e sonhos, enquanto o entregue "foi uma condição muito ruim".

Para a professora Roberta Pitta, 40, fatores econômicos e políticos interferiram no que, aos 20, idealizava para o futuro. "Mas não há frustração. Eu entendo que cheguei a um lugar onde consigo respirar um pouco para pensar em coisas maiores", diz.

Hoje, ela dá aulas a crianças como concursada na rede pública, e já foi operadora de telemarketing e recepcionista. Já o pai e a mãe não completaram o ensino médio. A professora, por outro lado, fez duas graduações, especialização e mestrado. Acredita que "o auge da vida ainda está por vir", o que inclui um possível doutorado e outros caminhos profissionais.

Daniel Trinconi Borgatto, 41, vê que muitos amigos na mesma idade seguiram a linha esperada pelas famílias. "Havia uma transferência de expectativas dos pais, no sentido de você precisa fazer faculdade, ter um emprego, segurá-lo com unhas e dentes, criar independência financeira, estudar, conseguir uma carreira, casar, ter filhos". Só que eu quebrei um pouco essa engrenagem", diz.

Ele começou a trabalhar cedo, estudou no que considerava uma boa faculdade e viveu em ambientes "extremamente" competitivos nas multinacionais por onde passou. Mesmo seguindo a receita, percebe o contexto vivido por sua geração como diferente das anteriores.

"E quando me olhei no espelho vi que estava me deteriorando. Trabalhando mui-

to, sendo muito consumido. Vi que o esforço me levou a alguns patamares esperados por eles, mas não a um patamar esperado por mim".

Já o administrador Anderson Nogueira acha que "inflação elevada, salários que não sobem e redes sociais em que todos se comparam são gatilhos de infelicidade". Ele é de 1989. Voltou para o Brasil em dezembro, após um ano nos Estados Unidos, onde a nova geração de 40 é apresentada como mais pobre, insegura e infeliz que os pais.

"Eu percebi este sentimento lá fora e, aqui no Brasil, acho que 70% das pessoas que conheço da minha idade e na faixa acima, de certa forma, estão frustradas. Vejo uma grande pressão da sociedade para os jovens adultos após completarem os 30". (R.M.)